

LISPECTOR-BARTHES: *POTESTAS* DA LITERATURA, *AUCTORITAS* DA FILOSOFIA

Luís G. Soto

Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Filosofia
Praza de Mazarelos, s/n, 15782 Santiago de Compostela, Galiza, Espanha
(0034)881812526 | luisg.soto@usc.es

Resumo: Neste texto, intento reflexionar sobre as capacidades para se apoderar inerentes à literatura e à filosofia, por meio dos conceitos clássicos de *potestas* e *auctoritas* e algumas ideias do filósofo francês Roland Barthes e alguns contos da escritora brasileira Clarice Lispector. Primeiro, examino as tres forças da literatura assinaladas por Barthes: *mathesis*, *mimesis*, *semiosis*. Depois, analiso um breve conto acerca de uma flor, a relação entre um homem e uma flor, escrito por Lispector. Ela fornece também algumas chaves para o interpretar. Na minha leitura, tenho em conta as suas sugestões e, para alargar a minha visão, acrescento mais dois conceitos de Barthes: o *studium* e o *punctum*. Interpreto o conto de Lispector desde ambos os pontos de vista: o *studium* (uma aproximação filosófica) e o *punctum* (uma aproximação pessoal). Em conclusão, defendo que a literatura pode ser uma “*mathesis singularis*”, mas a filosofia é ---deve ser--- uma “*mathesis universalis*”.

Palavras-chaves: Barthes, Lispector, filosofia, literatura.

Abstract: In this text, I try to reflect on the capacity of empowerment inherent to literature and to philosophy by using the classical concepts of *potestas* and *auctoritas* in connection with some ideas expressed by the French philosopher Roland Barthes and with some stories written by the Brazilian writer Clarice Lispector. First I examine the three forces of literature pointed by Barthes: *mathesis*, *mimesis*, *semiosis*. And I then analyze a short story about a flower, the relationship between a man and a rose, written by Lispector. She gives also some keys to interpret it. In my reading, I follow her suggestions and, in order to wide my view, I even add two concepts by Barthes: *studium* and *punctum*. I interpret Lispector’s story from both points of view: *studium* (a philosophical approach) and *punctum* (a personal approach). In conclusion, I defend that literature can be a “*mathesis singularis*”, but philosophy is ---ought to be--- a “*mathesis universalis*”.

Keywords: Barthes, Lispector, philosophy, literature.

Filosofia e literatura

Filosofia e literatura: quereria reflexionar brevemente sobre tão longo assunto, com a ajuda de Clarice Lispector e Roland Barthes.

Tomarei como motivo central um texto poético, ou quase poético, de Clarice Lispector¹. É uma minúscula narrativa: mais exatamente, é um trecho de outra narrativa seccionado por mim. Como tal, pois, não tem título, mas podemos intitulá-lo “A flor”. De facto, Lispector é autora de outro texto, semelhante no conteúdo e na forma a este seccionado, mas inequivocamente poético, uma breve narrativa que ela intitula “Flor mal-assombrada e viva demais”². Exploraremos com essas “flores” o dizer da literatura. E testaremos a sua força, o seu poder. Ou seja, a sua validade na ordem da realidade. Mas, antes, vamos escutar a filosofia. Porém, atenção, uma filosofia, a de um pensador, que olha para a literatura.

Barthes

No seu discurso de ingresso no Colégio de França, Roland Barthes confia a contestação à linguagem-poder ou, o que viria ser o mesmo, à ordem do real, a três forças inerentes à literatura, que ele denomina *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*. Vejamos sinteticamente o que ele entende por cada uma delas³.

A *mathesis* é o saber inserido na obra literária e, por isso, modificado. O texto literário viria sendo como uma enciclopédia, que pode conter todos os saberes, as ciências e as técnicas, mas reintroduzindo nelas o sujeito, aquilo que as ciências e as técnicas expulsam e excluem no seu desenvolvimento. A literatura recolocaria, pois, o saber, incluída a ciência e a técnica, pondo-o ao serviço do sujeito humano, ora indivíduo ora coletividade. Isto mais ou menos diz Barthes, mas permita-se agora que discrepemos dele, porém sem nos afastarmos muito dele. A nosso ver, o que Barthes atribui à literatura é algo que faz também, mais e melhor, a filosofia.

Com efeito, poderíamos dizer que ciências e técnicas são, ao fim e ao cabo, linguagens específicas, especiais e/ou especializadas. Mas todas essas linguagens traduzem-se, afinal, na linguagem corrente. Dito por outras palavras, na linguagem do sentido comum. Aquela cuja consciência é a filosofia, que pretende ser a razão comum. Recolhemos e formulamos assim uma reflexão do filósofo Vattimo sobre a relação

¹ Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984, 2ª ed., pp. 522-523.

² Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., pp. 656-657.

³ Roland Barthes, *Leçon*, Seuil, Paris, 1978, pp. 17-28 (*Œuvres complètes*, Seuil, Paris, 2002, 2ªed., V, pp. 433-438).

entre as ciências (e técnicas), como expressão hoje da verdade, e a filosofia⁴. As requintadas verdades científico-técnicas devem traduzir-se, e traduzem-se, na linguagem corrente. Nesse ponto, deve intervir, e intervém, a filosofia, tanto na compreensão como na aplicação das tecno-ciências. De facto, intervém pouco e deveria intervir mais. Mas, cabe-lhe à filosofia fornecer a razão comum, teórica e prática. O que não deveria deixar de acontecer quando lemos um texto literário. Neste, com certeza, haverá sempre algo de *mathesis*, pronto a interatuar com essa *mathesis universalis* que, ora melhor ora pior, representa a filosofia.

A segunda força é a *mimesis*, a capacidade da literatura para representar a realidade ou, melhor dito, para apresentar algo real. Tem, esta força, uma longa tradição filosófica, na qual se insere Barthes. Cabe referi-la, em última instância, a Aristóteles⁵. Para este filósofo, a arte em geral, e a literatura em particular, teria a capacidade de “imitar” a realidade, seja imitando —representando, reproduzindo— objetos seja imitando —suscitando, produzindo— emoções nos sujeitos. Transmite algo real, captado ou forjado por ela mesma. Pelas duas vias, torna presente algo, que não tem a presença da coisa mesma, que retorna do passado e projeta no futuro, em ambos os casos como possibilidade. Ao longo da sua obra, Barthes tem insistido muito no carácter ilusório desta apresentação, sempre a desvanecer-se como Eurídice pelo olhar de Orfeu. Ou seja, ele tem insistido no lado falso da “verossimilitude” que acompanha a obra literária, apontando reiteradamente que a denúncia dessa falsidade pode ser uma via adequada para conseguir um instante de verdade numa peça literária. Eis já a terceira força, a *semiosis*.

A *semiosis* possui também uma longa tradição. Conecta com outro traço da linguagem literária, assinalado por Aristóteles, a dicção. O texto literário diferencia-se da linguagem corrente por umas marcas, uma dicção, que avisam da sua artificialidade, do seu carácter factício e falso. Com isto, a literatura está também a renunciar a disputar à linguagem corrente o seu privilégio de dizer a verdade e, além disso, de estatuir a realidade. A literatura renuncia a tal privilégio porque adota uma forma admissível, mesmo admitida, de dicção. Mas, o escritor tem perante si a possibilidade de não aceitar as formas canónicas e, rompendo com elas, lançar-se na procura do que Barthes denominaria uma “utopia da linguagem”. Que o nosso autor vincula com a utopia social. Um mesmo apelo e uma mesma tentativa podem constituir um

⁴ Gianni Vattimo, *Vocación y responsabilidad del filósofo*, Herder, Barcelona, 2012, p. 84.

⁵ Aristóteles, *Poética*, 1447a1-1449b10, e *Política*, 1340a12-1340b19.

projeto de mudança artística e política, social: mudar a linguagem, transformar o mundo. Barthes podia ter unido, e nós agora podemos unir, a voz de Wittgenstein nessa empresa⁶. Para este filósofo, a tarefa da ética era ir além dos limites da linguagem. O que, nos seus termos, significava como consequência transtocar o mundo. Barthes, a nosso ver, não fica longe desta posição. Para ele, a possibilidade de uma *mimesis* que dê conta, não da ordem do real, senão do real mesmo, que tome conta dele, está ligada a uma *semiosis* que seja consciência do signo e abalo dele em benefício do referente... e ao serviço do sujeito. De alguma maneira, deverá poder seguir-se, a modo de consequência ou conclusão, uma passagem ao ato. Em resumo, ele procuraria uma *semiosis* e uma *mimesis* que dêem passo a uma *mathesis* na forma particular de uma ética.

Lispector

Mas, deixemos Barthes na companhia de Vattimo, Aristóteles e Wittgenstein, e vamos com Lispector. Por outras palavras, deixemos a filosofia e vamos à literatura, a essa narrativa que demos em chamar “A flor”. Vamos, pois, à literatura: mas, para regressarmos, com ela e Lispector, à filosofia.

No meio de uma narrativa, ela mesma breve, que leva por título “Bichos”⁷, Lispector conta uma história muito breve, uma só página, que tem por protagonista, não um bicho, mas uma flor⁸. “Bichos” trata da relação com os animais, com animais, sendo protagonista, mas não sempre, a própria Lispector. Desta vez é um amigo médico e psicanalista que na mesa do seu consultório põe, cada dois dias, numa jarra, uma flor, uma rosa. Ao segundo dia, ela murcha e ele a substitui por outra. Mas um dia traz uma flor que é especialmente bela, de uma beleza irradiante, da qual a própria flor parece orgulhosa. Ela atrai a atenção do homem e até parece sentir o seu olhar de admiração. Assim, a rosa vive em plenitude durante uma semana inteira. Depois começa a dar mostra de algum cansaço, e finalmente morre. O médico e psicanalista só com relutância consegue trocá-la por outra. A explicação de Lispector, sublinhada por uma pergunta de uma paciente ao médico —que captara essa relação dele com a flor— por “aquela rosa”, é que esta viveu mais, demais mesmo, por amor. Entre o seu

⁶ Ludwig Wittgenstein, *Conferencia sobre ética. Con dos comentarios sobre la teoría del valor*, Paidós-ICE-UAB, Barcelona, 1990, 2ª ed., p. 43.

⁷ Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., pp. 517-524.

⁸ Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., pp. 522-523.

amigo e a flor estabelecera-se uma relação, como as que às vezes se estabelecem entre bichos e humanos. Viveram-se profundamente o um ao outro, diz a narradora. Que tem de atrativo, e também de inquietante, esta história? Que pôde fazer que eu a retivesse entre as mais de 700 páginas e as muitas, muitas, histórias do livro? A própria Clarice Lispector fornece algumas explicações, ao enquadrar esta narrativa, ao contá-la e ao retomá-la numa outra, a intitulada “A flor mal-assombrada e viva demais”⁹.

As primeiras explicações vêm ao enquadrar esta história na narrativa “Bichos”. Nesta, Lispector trata a questão das possíveis relações, contato ou até simples visão, com os bichos. Destes surdiria um apelo ou uma chamada que na nossa autora causa medo, produz arrepio, ocasiona desassossego: fundamentalmente, dá medo¹⁰. Medo, não do animal, mas da relação, da experiência, instintiva, intuitiva, com ele ou ela. Medo que é também, afinal, medo de si própria. Podemos resumi-lo em medo da natureza¹¹. Somos seres naturais e pretendemos o ignorar, o rejeitar. Os bichos animalizam-nos, permitem-nos devir animais e aí percebemos que algo na nossa cultura não vai bem com a nossa natureza: explicitamente, Lispector, que fala de instinto e sublimação, alude à repressão¹². Mas, poderíamos e devemos alargar a questão e falarmos, em geral, de falta de respeito pela natureza. Na ordem da nossa cultura falta respeito pela natureza. A este apelo do instinto, e talvez à chamada ao respeito, responderia o doutor amigo de Lispector. Daí que a sua história nos atraia e inquiete. Porque nos interpela nesses dois planos, o do instinto e o do respeito, despertados, concitados pela bela flor, o apelo e a chamada atendidos, recolhidos e remetidos pelo doutor.

Ora, percebe-se melhor essa perturbação, e alarga-se, com as explicações que a autora fornece, ou sugere, ao contar a história da rosa e ao retomá-la na “flor mal-assombrada e viva demais”. Para começar, qual pode ser a beleza da flor? Em quê é que consiste ou onde reside? Lispector sugere: na sua capacidade para representar, no facto de ela ser representação de outra coisa, algo que com ela aparece, reaparece. Primeira resposta, indicada pela nossa autora, um morto¹³. O bruxuleio, a

⁹ Outra narrativa muito semelhante: “Noite de fevereiro”, Clarice Lispector, *Para não esquecer*, Rocco, Rio de Janeiro, 1999, pp. 14-15.

¹⁰ Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., p. 519.

¹¹ Cfr. “A legião estrangeira”: Clarice Lispector, *A legião estrangeira*, Rocco, Rio de Janeiro, 1999, pp. 96-97.

¹² Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., p. 517.

¹³ Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., p. 656.

reverberação luminosa e aromática, da flor é a presença de um morto, de uma alma. Ela, a flor, é animada por uma alma humana. Podemos concordar, em parte com Lispector, toda representação é, em certa medida, o retorno do morto, de algum morto. Que aqui está vivo-morto na flor. Mas, há uma segunda resposta, sugerida muito indiretamente¹⁴: o doutor é autor de um livro, *Um Deus escondido*. Eis a outra presença na rosa: um Deus, a divindade. Isso é o que está velado e é revelado na flor: Deus. Nesta hipótese, toda representação o é do ser e, em última instância, de um Ser. Achamos, pois, na beleza da rosa veladas, e reveladas, duas presenças perturbadoras: a morte, um morto, talvez o nada; e o ser, Deus, talvez um Deus ausente. Há, contudo, uma terceira hipótese, também salientada e sublinhada por Lispector: a rosa não representa nada, apenas se apresenta a si própria. A sua beleza é vida, manifestação de vida, irrupção de ser vivente¹⁵. Portanto e também, reverberação do ser e o nada: bruxuleio do ser, entre o nada e o nada.

Em qualquer caso, prosseguimos com Lispector, a flor —alma-morto, Deus escondido, rosa apenas— rompe com a ordem das cousas, a estabelecida pelo amigo médico psicanalista: cada dois dias, uma nova rosa. Cabe perceber aí, como dizíamos antes, uma insurgência da natureza e uma quebra do antropocentrismo com que a vivemos. O ser humano deixa de ser o centro, o proprietário e organizador do universo: a ordem que ele estabelece vem de ser quebrada por uma flor. É destronado por ela. Ora, parece-me que neste acontecimento, nessa perturbação, há também uma questão de gênero e de sexo. Porque o que é destronado com o ser humano, o *anthropos*, é também o homem, o *aner*, figura canônica de aquele. O que, ademais, afeta-lhe à mulher.

Com efeito, o universo androcêntrico é também, nalguma medida, ginecêntrico. Nesse universo, mais do que o centro, o homem é a cúspide: o ser supremo. Como centro, é centrífugo: repele. No universo androcêntrico, é o outro polo, o subjugado, a mulher, o que convoca. É centro centrípeto: atrai e organiza. Sob a égide do homem. Ora, nesta narrativa, a mulher é deslocada e substituída pela flor, como objeto do amor. As mulheres, a narradora e a paciente, ficam fora dessa relação entre o homem e a flor. A rosa, o feminino, rouba-lhes o rol feminino, a sua centralidade. Eis outro

¹⁴ Em “Bichos”: Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., p. 522.

¹⁵ Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., p. 656.

bruxuleio. Daí a atração, homo-erótica¹⁶ e até auto-erótica, da narradora pela flor: quer, e tenciona, chegar-se a ela, estabelecer um contato, uma relação¹⁷. Mas, dá-lhe medo e desiste. Eis o medo de si própria, incluído o feminino. Quiçá o medo de existir, por existir-se.

Em resumo, mais e mais motivos, que se unem aos antes indicados, para sentirmo-nos atraídos, perturbados, inquietos, expectantes, etc. Cousas que nos fazem pensar, não apenas “o que é?”, o que se passa nesta e com esta história, mas também “que fazer?”, o que é que eu posso e/ou devo fazer com isso¹⁸.

Uma última explicação, que está a rente do texto: o amor. É uma hipótese salientada e sublinhada por Lispector. O interesse desta narrativa, a sua pregnância, residiria em mostrar um amor que desafia e ultrapassa os limites da natureza. Primeiro, porque é uma relação entre um homem e uma flor. E depois, após saltar a barreira das espécies (e com ela, a da consciência e até a da sensação), porque é um amor que consegue acrescentar, em intensidade e também em duração, os limites da existência. Trata-se, ademais, de um amor-visão, no qual não há contato entre as partes: amarem-se é apenas e no total verem-se. Se contato houver, será etéreo, como, por exemplo, ao modo dos simulacros que emitem os corpos e se colam aos olhos¹⁹. Mas, vou ficar por aqui: um amor que engrandece e alarga a vida, além dos seus limites naturais. Um amor que altera o relógio biológico, a flor vive demais, e as fronteiras biológicas de consciência e a sensação, a flor parece sentir, semelha perceber. E estes efeitos retornam, incidem sobre o homem. Ambos, vivendo-se, vivem a mais. A literatura, esta narrativa, permite-nos assistir a esta ilusão: o amor intensificando e prolongando a vida, por efeito da pura e exclusiva manifestação daquele²⁰.

Mathesis universalis

Concluo. Chamem-me de materialista ou racionalista, não me importo com isso, mas eu não acredito e renuncio a essa ilusão. Para mim, a literatura é uma *mathesis singularis*, que pode fornecer conhecimento e abrir experiência, indo contra a ordem

¹⁶ É surpreendente a semelhança com a simbolização empregada por Proust para representar o homoerotismo: Marcel Proust, *En busca del tiempo perdido: 4. Sodoma y Gomorra*, Alianza, Madrid, 1981, 6ª ed., pp. 39-43 (o “moscardo” e a “orquídea”).

¹⁷ Em “Flor mal-assombrada e viva demais”: a mulher, a abelha e a flor (Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., pp. 655-656). Em “Noite de fevereiro”: a abelha e a flor (Clarice Lispector, *Para não esquecer*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999, pp. 14-15).

¹⁸ Cfr. “Imitação da rosa”: Clarice Lispector, *Laços de família*, Rocco, Rio de Janeiro, 2009, pp. 42-49.

¹⁹ Lucrecio, *De rerum natura. De la naturaleza*, Bosch, Barcelona, 1985, pp. 325-337.

²⁰ Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, ed. cit., p. 523.

das cousas, mas muitas vezes, como esta mesma, propondo uma ilusão. Que a filosofia, *mathesis universalis*, pode e deve, não destruir, mas desconstruir. Ou seja, arruinar, mas mostrando as potencialidades realizáveis (e até algumas hipotéticas reconstruções) que alvorecem na ruína.

Voltei, pois, a Barthes para concluir, ou quase concluir. Para mim, o interesse, a inquietação e a lição, desta narrativa poética de Clarice Lispector, que chamei “A flor”, radica na sua força, na sua *potestas* como *mathesis*, para desafiar a ordem do real, pelas suas capacidades para representar e significar, i.e., pelas suas forças de *mimesis* e *semiosis*. A literatura, este texto, faz aparecer cousas que sacodem, alargam, confirmam, interrogam e mobilizam o conhecimento e a experiência. Aqueles conhecimentos e experiências que, *hic et nunc*, estão enquadrados pelas ciências e as técnicas, assim como pelas formas jurídicas e pelos modos políticos imperantes. Nessa tarefa de aparecimento, colabora a filosofia, que também, e afinal, avalia: com a sua *auctoritas*, a filosofia põe em questão, entre parênteses e entre aspas.

Outra vez Barthes

Contudo, depois desta conclusão, fico como com uma sensação de insatisfação. Não é pelo que eu disse da literatura e a filosofia, sobre a *potestas* de uma e a *auctoritas* da outra, mas pela minha leitura, o meu comentário e interpretação, do texto de Lispector.

Parece-me que eu fiz uma avaliação incompleta. Tudo o que eu disse está no plano das significações mobilizadas pela bela narrativa, aquelas que eu fui capaz de atender. Como as descobrir e como as interpretar? Como afetam a outras interpretações ligadas a elas ou associáveis com elas? Encaixam com elas, as transtrocam? Que pensar afinal de tudo, depois de lido e relido o texto? Tentei, com maior ou menor fortuna, responder estas ou similares perguntas. Mas, em nenhum momento li —vi, explorei— o texto em direção ao referente e a mim próprio. Em termos de Barthes, atendi o *studium*, o interesse cultural, mas ignorei o *punctum*, a implicação pessoal²¹.

Poderia pensar-se que sim o fiz, porque todo o que disse acerca da natureza, os mortos, o ser e o nada, o amor, etc., são cousas que me concernem. Mas não me refiro

²¹ Roland Barthes, *La chambre claire. Note sur la photographie*, Cahiers du Cinéma-Gallimard-Seuil, Paris, 1980, pp. 47-49 (*Œuvres complètes*, ed. cit., V, pp. 807-809).

a isso: há na literatura a virtualidade de apresentar, de indicar, algo real: trazer algo existente à nossa mente, fazê-lo aparecer junto a nós, mas também fora de nós, sem nós. É uma possibilidade que alguns textos quiçá possuem essencialmente, mas na imensa maioria é uma eventualidade acidental. Algo que podem fazer com este ou com outro leitor. Por acaso, neles aparece algo real, ligado à experiência do leitor. Pode ser uma lembrança, uma presença ou uma sugestão. No caso do texto de Lispector, deveria ser uma flor. E teria que buscá-la eu na minha experiência.

Outra vez Lispector

Li esta história pela primeira vez, dei com ela, algum ano antes de 2000. A pedido de uma amiga, professora da faculdade de história, iria eu falar informalmente de Clarice Lispector aos estudantes de história de América. Falara-me disso porque ela, no começo da década de 90, me trouxera alguns livros de Clarice do Brasil. O pedido, a charla, não chegou a concretizar-se. Mas, entretanto, fui lendo alguma coisa que não tinha lido antes. Das 700 e tal páginas e mais de 500 narrativas de *A descoberta do mundo*, fiquei com “A flor”. Ou ficou ela comigo. Mas não anotei nada, não tomei nenhuma nota. Quando agora, passados os anos, em dezembro de 2014, abri o livro e busquei a narrativa, não a achei: não havia nada que a assinalasse. Pior do que isso: entre as páginas do índice, estava um troço de papel no qual eu anotara as páginas das narrativas que estimara significativas. Não figurava “A flor”. Procurei pelos títulos e também não encontrei nada, pois como disse esta narrativa é um trecho, breve, de “Bichos”. Finalmente, relendo no livro, achei-a.

Quando a lera, antes do ano 2000 ou por volta dele, creio que não era consciente de algo que soube depois, em 2005 ou depois. Talvez o soubera antes, desde muito antes, na infância ou na adolescência, e estava por aí na minha mente, mas não o lembrava.

Seria 2005 ou algo mais. Eu dispunha-me a regar as plantas que há numa pequena galeria, e também num quarto da minha casa na Corunha. Estando só, ocupava-me disso, que habitualmente fazia a minha mãe. Então alguém, provavelmente a minha mãe, ou pôde ser também a minha irmã ou a minha tia, perguntou-me se vira que formosas flores dera a planta de Luisito. Imaginei que Luisito era eu, na minha infância. Creio que já ouvira este comentário mais alguma vez, em alguma ocasião anterior: as flores da planta de Luisito. Não sabia muito qual era essa planta e, sobretudo, não sabia por que era chamada “a planta de Luisito”. Ao parecer, tendo eu

poucos anos, na casa de Lugo, onde passava temporadas com as minhas tias, eu regava as plantas. Uma das minhas tias, a maior e já idosa, gostava das plantas e tinha muitas, por toda a casa, sobretudo nas três galerias que tinha a casa, que era imensa. Pois bem, parece que nas minhas regas reguei uma planta, que levava anos ali sem florescer, e pouco depois floriu. Eu deste episódio, de começos da década de 60, não lembrava nada, se é que alguma vez tive conhecimento dele. Por outra parte, eu nunca cultivei plantas, não sei cuidá-las, jamais possuí nenhuma habilidade para isso. Regressando a 2005 e anos posteriores, cada vez que regava as plantas da casa da Corunha, regava também a planta de Luisito. Porque aquela que eu, pelos vistos, fizera florescer em Lugo em 1960 e tal seguia conosco. Obviamente, uma descendente ou parente dela. Nunca fui consciente disso em todos esses anos. Sou-o, mais ou menos, desde 2005. Está numa janela, da sala de jantar. E também há outra na galeria. Rego-as de quando em quando. Seguem a florescer.

Esta anedota, a da planta de Luisito, pôde ter influído, mas sem eu o saber, na minha leitura de *A descoberta do mundo*, da narrativa “Bichos”, da “Flor mal-assombrada e viva demais”, e demais textos sobre flores²².

Ora bem, um noite de verão, talvez em 2011, regressava eu para casa, cismando com pesadume no final das férias, olhando para o chão. Tristeza infantil, mas também social, causada pela crise e como se gere, uma crise que empobrece, e mata, muitos. Porém, num instante, olhei para o alto, eu vivo num sétimo andar, e vi a janela e a flor nela, nítida na obscuridade. Senti que olhava para fora, que olhava com uma imensa tristeza. Foi como uma iluminação sentimental, um flash de sentimento, que se desvaneceu deixando uma reverberação reflexiva, um abrolhar de pensamentos. Interrogações e projeções, com a flor e eu próprio. Quiçá me fitava triste, compassiva. Ou sofria por ela mesma. No entanto, não achei grande diferença, ao coincidirmos na tristeza. Quiçá a flor estava triste por ficar ali na janela, atrás do cristal, como num cárcere, e anelava o ar livre. Como eu escapar, vagar, alhures. Alguns dias depois, na casa, olhei desde a janela, junto à planta, para a rua. Pensei que quiçá era bom, para ela, estar ali. E também para mim. Estarmo-nos assim no silêncio da natureza. E encarar o inverno, a crise. E não fugir²³.

²² Como os citados, “Noite de fevereiro” (Clarice Lispector, *Para não esquecer*, ed. cit., pp. 14-15) e “Imitação da rosa” (Clarice Lispector, *Laços de família*, ed. cit., pp. 34-53). E mais.

²³ Cfr. “Imitação da rosa”: Clarice Lispector, *Laços de família*, ed. cit., pp. 52-53. Quero sublinhar, além do final *a contrario sensu*, que nesse conto a beleza é entendida em termos éticos: como imperativo de “dar”, e também “receber”; mas não apenas “ter” e, sobretudo, não “ser” (p. 47).

Auctoritas e potestas

Provavelmente “A flor” de Clarice Lispector, o que eu lera e o que ela escreveu, terá influído em todo isso. Um poema às vezes altera a consciência e a vontade, o conhecimento e a experiência que temos ou iremos ter.

Espero, com esta anedota e estas reflexões, ter aclarado mais o que antes disse sobre filosofia e literatura, sobre a *auctoritas* da filosofia e a *potestas* da literatura.